

DESABAFO´ COMO UM RITUAL VERBAL EM DISCURSOS ISRAELENSES

Tamar Katriel (Univ.de Haifa)
(Tradução de Edson Françaço)

"A função do ritual, tal como o entendido, é dar forma à vida humana, não apenas como um arranjo superficial, mas em profundidade". (Campbell 1972)

1. Introdução

Este artigo examina uma modalidade de discurso do hebraico falado em Israel conhecido como Kiturim ou Kuterai, cujo equivalente mais próximo em inglês seria 'gripping' (port. desabafo). Como muitos israelenses concordam, e alguns deploram, o desabafo tornou-se uma atividade discursiva onipresente em encontros informais entre israelenses. Tanto que os encontros de sexta à noite em lares israelenses, que é o contexto predominante para as reuniões sociais de classe média, ganharam o nome de mesibot kiturim, isto é, 'festas de desabafo'.

O clima geral nessas festas é traduzido pelas seguintes linhas de um artigo de um proeminente jornalista israelense:

"Há cerca de um ano um grupo reuniu-se na casa de um amigo e, como é hábito entre os israelenses, estávamos nos 'queixando' sobre a situação, desabafando. O pretexto imediato para esse banho coletivo na lama de nossa frustração nacional era um rumor que circulava na época relativo a algum caso de corrupção em um importante órgão governamental (e que, por sinal, mais tarde provou-se ser em grande parte falso) e algum ato político meio insano de algum grupo marginal que consegue conquistar as manchetes de jornal de tempos em tempos". (Ma'ariv, 29.11.80).

Alguns meses mais tarde, o mesmo autor fala sobre "as 'festas de desabafo' masoquistas que se fazem nas noites de sexta e que, mais que nada, refletem as atitudes do público" (Ma'ariv, 24.04.81).

Portanto, na sociedade de classe média israelense contemporânea, a mo-

dalidade de desabafo encontra sua expressão primordial no tipo de evento discursivo conhecido como Festa do Desabafo; contudo ela não está de modo algum restrita a esse contexto prototípico. No que se segue, vou delinear a estrutura e as funções do desabafo no discurso israelense, argumentando que ele constitui-se num tipo de evento comunicativo bem delimitado e facilmente reconhecível, tanto em suas formas mais quanto nas menos paradigmáticas. Pretendo mostrar que o desabafo desenvolveu-se como uma rotina interacional implicitamente padronizada na vida social israelense, e que sua importância e funções podem ser melhor entendidas se o tomarmos como um ritual verbal.

O termo 'ritual' como aqui usado refere-se à ação simbólica padronizada cuja função é reafirmar o relacionamento de membros de uma comunidade a um 'objeto sagrado' (ou 'inquestionável', na linguagem secularizada da antropologia contemporânea (Moore e Meyerhoff 1977)) culturalmente sancionado. De acordo com Firth (1973: 301), ações simbólicas desse tipo "são comunicativas, mas a informação que elas veiculam refere-se ao controle e regularização de uma situação social mais do que a um fato descrito".

Num artigo anterior (Katriel & Philipsen 1981), fez-se uma tentativa similar de aplicar a metáfora do ritual à descrição do evento discursivo que chamamos Ritual de Comunicação, ao qual os americanos referem-se pelas locuções sit down and talk ou discuss our relationship [aproximadamente 'sentar para conversar' ou 'trocar confidências']. Esse ritual faz parte do conjunto dos relacionamentos íntimos e fornece o contexto principal para que os membros da comunidade cultural não apenas construam como também validem identidades pessoais e gerem intimidade através da forma conversacional conhecida como 'comunicação', que é culturalmente interpretada como 'discurso de apoio' [supportive speech]. Serão feitas comparações entre os Rituais de Comunicação e de Desabafo sempre que apropriadas.

As observações contidas neste artigo baseiam-se tanto em minhas próprias intuições como uma 'desabafadora nativa' quanto em discussões com mais de 50 informantes de uma extração predominantemente de classe média, dos quais registrei atitudes expressas espontaneamente acerca do desabafo, descrições de desabafos reais, bem como as respostas obtidas a vários usos apropriados do termo lekater 'desabafar' e termos morfológicamente relacionados como Kuter (que significa um 'desabafador habitual') e Kuter mikzo'i (que indica um 'desabafador incurável'). Esse conjunto de procedimentos forneceu a base de dados para a descrição analítica do desabafo como um tipo distinto de evento comunicativo, e para a esquematização da estrutura simbólica característica de sua realização ritualística.

O termo coloquial lekater é explicado no dicionário popular de gíria hebraica compilado por Dan Ben-Amortz e Netiva Ben-Yehuda (1972), onde ele é apresentado como 'to complain' [port. 'reclamar'] e ilustrado com um exemplo que pode ser aproximadamente traduzido [para o inglês] como 'Stop griping, nothing will come out of talk' [port. 'Pare de lamentar-se, falar não adianta nada']. Diz-se que ele é um empréstimo do iídiche, mas sua etimologia não é especificada. Vários informantes, contudo, mostraram-se familiares com a história da palavra e observaram que ela ori-

ginou-se da palavra iídiche kuter que denota um gato que fica choramingando mesmo quando monta a fêmea, portanto exprimindo basicamente um lamento injustificado. A disposição do gato para o desabafo/lamento e sua extensão metafórica ao domínio do humano foram atribuídos a uma orientação defensiva genérica, alimentada pela criança de que não se deve parecer abertamente feliz para não atrair a atenção do demônio (como aconteceu, por exemplo, com a figura bíblica de Jó). As pessoas também tendiam a ver a modalidade do desabafo como uma expressão do 'caráter nacional', invocando evidências tão antigas quanto a de os Filhos de Israel reclamarem ao encontrar as suas primeiras dificuldades depois do êxodo do Egito. Portanto, nas suas raízes folclóricas, o desabafo é visto como parte do 'ethos' nacional, constituindo tanto uma expressão espontânea de falta de fé quanto uma forma culturalmente sancionada de 'tratamento preventivo'.

A maioria dos informantes, deve-se notar, não era consciente de que Ku-ter era um empréstimo do iídiche e relacionava a palavra tanto ao hebr. katar 'máquina a vapor' ou a ktoret 'incenso'.(1) Ambas as palavras sugerem a imagem de fumaça e de válvulas de escape de material inútil, excedente, o que vai bem com o modo pelo qual a modalidade do desabafo é em geral conceptualizada. Em resumo, a família de palavras relacionadas morfológica e semanticamente a lekater é encarada por muitos israelenses como uma forma coloquial com raízes nativas mais do que um empréstimo com sabor estrangeiro. Isso é indicado tanto pela produtividade morfológica do radical quanto pela motivação semântica que as pessoas sentem que ele tem.

A apresentação de lekater no dicionário de gíria como 'reclamar' não é confirmada por falantes nativos de hebraico, que fazem uma clara distinção entre as duas palavras, indicando que, embora ambos os verbos denotem atos de fala 'reclamativos' [plaintive], eles não podem ser livremente trocados um pelo outro. Algumas das diferenças semânticas entre os equivalentes hebraicos de 'to gripe' [aprox. port. 'lamentar-se/desabafar'] e 'to complain' [port. 'reclamar'] serão reveladas pela análise que se segue.

Apesar do reconhecimento geral das raízes culturais antigas da modalidade do desabafo, muitos informantes apontaram que a família de termos relacionados a lekater tornou-se corrente no hebraico coloquial principalmente durante a última década, aproximadamente (alguns confiantemente dataram sua emergência dos dias que se seguiram à guerra de 1967; dois claramente lembraram-se de a terem aprendido como uma nova palavra ao retornarem a Israel naquela época depois de uma ausência de alguns anos). Houve informantes também que notaram que o desabafo tem se tornado progressivamente saliente em anos recentes; alguns inclusive referem-se a isso como 'a marca registrada da sociedade israelense'.

Isto é corroborado em uma passagem de um livro de Ben-Yehuda (1981) que descreve o 'ethos' da Palmach, uma das principais divisões da corrente predominante do exército na época pré-Independência [do estado de Israel]. Essa passagem descreve o compromisso indubitável e o sentido de justiça inquestionável que preenchiam as vidas dos jovens voluntários que assumiram o papel de 'realizadores', cujos feitos tor-

nariam realidade o sonho sionista do renascimento nacional:

"Cantávamos com grande entusiasmo, dançávamos cheios de energia, acampávamos, escalávamos montanhas, preparávamo-nos sem hesitações para 'realizar' ... e nos sentíamos felizes, satisfeitos com o que tínhamos, encantados com nossas metas, em paz com tudo ... Ninguém reclamava ou criticava, ninguém ofendia ninguém, ou notava coisa negativa. Não falávamos mal de nós próprios. Não falávamos mal de nossos líderes, e não por ingenuidade. Não fazíamos comentários sobre nada. A própria noção de 'crítica' era um conceito negativo. Absolutamente negativo. Como jogar lama. Emporcalhar. Ofensas e desabaços (kiturim) - esses conceitos nem mesmo existiam. No estado-por-vir, entre nós, os ardentes pioneiros, não havia o mais leve traço desses conceitos". (Ben-Yehuda 1981: 131)

Essa descrição do 'então' é feita em oposição ao pano-de-fundo do presente. É a predominância da modalidade do desabaço em Israel hoje que paira nas bordas desse retrato de 'realizadores' entusiásticos e responsáveis que estavam engajados em tornar realidade metas comunitárias. Inversamente, é a memória dessa indubitável responsabilidade 'sem desabaços' e da participação ativa na vida comunitária que alimenta em parte a frustração que dá lugar ao desabaço. A passagem acima, então, sugere que o aparecimento da modalidade do desabaço, de fato a própria invenção do termo, tem a ver com uma crise ideológica, devida - entre outras coisas - ao fato de que, como diz Rubinstein (1977), a coesão social em Israel hoje em dia predica-se mais sobre um destino do que sobre uma fé comum. É esse destino comum e os problemas que o cercam como uma fonte de identificação comunitária que - como vamos argumentar - o Ritual do Desabaço dramatiza.

O Ritual do Desabaço e o Ritual da Comunicação são, portanto, funcionalmente comparáveis na medida em que ambos fornecem um contexto importante para que membros das respectivas culturas deem expressão a, e formem uma experiência de uma área-problema central em sua cultura. O tópico de cada um desses rituais é, portanto, um problema; mas enquanto o Ritual de Comunicação refere-se a um problema cujo lugar é o 'ser' numa tentativa de reafirmar seu estatuto como o 'inquestionável' da cultura, o Ritual do Desabaço localiza o problema na vida pública e a participação de seus membros nela, reafirmando o estatuto do 'interesse público' ou 'comunidade' (hebr. haklal) como o 'inquestionável' da cultura.

Passo agora a uma descrição da estrutura e funções do desabaço no discurso israelense, de acordo com a formulação geral do objetivo da pesquisa antropológica de Geertz (1973: 364) como [sendo] o de "descrever e analisar a estrutura significativa da experiência ... como ela é apreendida por membros representativos de uma dada sociedade em um dado instante - em uma palavra, uma fenomenologia da cultura". Como foi feito no caso do Ritual de Comunicação, empregarei um subconjunto dos componentes de eventos discursivos de Hymes (1972) para descrever a 'estrutura da experiência' que um evento comunicativo deve manifestar para que os israelenses de classe

média o identifiquem como sendo um desabafo e não, digamos, reclamação ou bate-papo, por exemplo. (2)

2. O Ritual de Desabafo

A descrição do Ritual de Desabafo será organizada em torno dos seguintes componentes discursivos: tópico, propósito, canal, participantes, situação, tom, sequência da ação.

2.1. Tópico

Ninguém desabafa sobre o que o faz sentir-se bem: o tópico do desabafo deve sempre ser um problema. Como já notamos, o problema ao qual o desabafo diz respeito localiza-se em algum aspecto da realidade externa à qual os israelenses se referem pelo termo hamatzav - a Situação em sentido amplo. O tópico pode ser de caráter genérico, como a economia nacional ou a moralidade pública, ou algo mais 'localizado', como o baixo salário dos professores e a qualidade da escola existente na vizinhança. Problemas pessoais podem tornar-se tópico de desabafo apenas na medida em que se incorporem na discussão de algum aspecto da Situação em tela (e.g. como 'um exemplo de', ou 'evidência para'), e nesse caso são, esses problemas pessoais, apresentados com um fraseado público e, por assim dizer, disfarçadamente.

Alguns informantes, em consequência, sustentam que os desabafadores habituais tendem a projetar (e colocar a culpa de) seus problemas pessoais em fatores externos em vez de assumirem a responsabilidade por suas próprias vidas. Isto é geralmente dito na modalidade de anti-desabafo, que será discutida mais abaixo. Seja essa acusação justificada ou não, poderos pelo menos argumentar que o Ritual de Desabafo canaliza a expressão de descontentamento, fornecendo um padrão estabelecido para a estruturação do discurso 'reclamativo' em encontros informais entre israelenses de classe média, de modo que os sentimentos de frustração e insatisfação que poderiam levar americanos a examinar suas vidas pessoais pela encenação do Ritual de Comunicação tenderiam a tomar a forma do Ritual de Desabafo em encontros informais entre israelenses.

Um fato a ser notado é que nem todos os aspectos da Situação geral são candidatos apropriados a tópico de desabafo: é muito pouco provável dizemos que os habitantes de uma área na fronteira desabafarem acerca dos freqüentes bombardeios a que estão submetidos, embora isto seja parte de sua Situação par excellence. Da mesma forma, como disse um informante, quando pessoas que estão razoavelmente bem de um ponto-de-vista financeiro reclamam da inflação, dizemos que isso é desabafar, mas quando um pai de família com doze filhos que perdeu o emprego faz essa reclamação, não chamamos isso de desabafo. Por outro lado, a política externa dos EUA poderia ser assunto de objeções ou críticas, mas não é provável que sirva como tópico de desabafo.

fo. Se o for, muito provavelmente será interpretado como um comentário indireto sobre a inadequação da política externa israelense, uma vez que o desabafo, diferentemente da reclamação, é essencialmente interpretado como auto-dirigido. Os desabafadores são basicamente consumidores de seu próprio discurso.

O problema sobre o qual os israelenses tendem a desabafar, portanto, é um problema relacionado ao domínio da vida pública, que eles encaram como seu dever ter sido capazes de resolver através de alguma forma de esforço social coletivo. A disposição dos israelenses para o desabafo parece ser alimentada por um profundo senso de frustração relacionado à incapacidade que sentem de participar da ação social e vida comunitária de um modo que satisfizesse o alto nível de compromisso e envolvimento que caracterizavam a pequena comunidade de 'realizadores' como descrita no excerto do livro de Ben-Yehuda. A predominância do desabafo sugere uma preocupação avassaladora e culturalmente sancionada com o domínio público, por um lado, e, por outro, associada a uma notável ausência de canais de participação satisfatórios.

Em resumo, o tópico do desabafo é restringido de várias maneiras: deve ser um problema relacionado à Situação, i.é, o destino compartilhado à volta do qual a vida comunitária israelense gira e no qual o senso de solidariedade dos israelenses está mais claramente presente. Contudo, nem todos os aspectos da Situação podem ser objetos apropriados de desabafo; este é geralmente restrito a problemas relacionados ao tecido da vida social israelense que 'alguém' deveria ser capaz de resolver, e não comporta problemas sentidos como inescapáveis determinações do destino.

2.2. Propósito

A maioria dos informantes observou que a função do desabafo é liberar tensões e frustrações reprimidas. A orientação terapêutica é similar à de muitos americanos em relação ao Ritual de Comunicação. Em ambos os casos, ridicularizar o senso de dificuldade experienciado por um parceiro da cultura - que tenta iniciar um Desabafo ou um Ritual de Comunicação - seria interpretado como rejeição. Portanto, respostas da forma "Não concordo com você; sinto-me bem com a maneira pela qual o [nosso] relacionamento está progredindo" em um caso, ou "As pessoas desabafam sobre a inflação mas o padrão de vida é muito mais alto do que costumava ser" no outro, não são encaradas como um encorajamento, mas como uma recusa de aceitar [socialmente] aquele que apresenta o problema, apesar do conteúdo aparente de encorajamento da mensagem.

Há, contudo, uma diferença no tipo de 'terapia' permitida pela 'comunicação' entre os americanos e pelo desabafo entre os israelenses. Enquanto a 'comunicação' é de fato percebida como um discurso que constitui a solução do problema que forma o tópico do ritual, o 'desabafo' é percebido como uma atividade que constitui uma anti-solução ao problema a que ele diz respeito. Em vez de ser percebido como a estratégia de ação prioritária para lidar com o problema invocado, o discurso no caso

do Ritual de Desabafo é visto como a estratégia não-prioritária; é porque quem desabafa percebe o problema como além de seus poderes para resolvê-lo, mas sem poder livrar-se de sua preocupação com questões desse tipo em geral, que ele opta pelo canal não-prioritário de falar para lidar com eles.

Essa avaliação cultural do discurso como contraprodutivo, como a alternativa não-prioritária para a ação social, é resumida na injunção frequentemente ouvida "Pare de falar, faça algo". Essa injunção aparentemente está aquém dos recentes esforços institucionalizados de fornecer canais de participação para a solução de problemas comunitários, que tomaram a forma de campanhas altamente dramatizadas de levantamento de fundos conduzidas através dos meios de comunicação de massa. O dinheiro era coletado para causas que desfrutavam de um alto grau de consenso (as crianças do Carboja, um fundo especial de defesa, crianças deficientes). A necessidade econômica era reconhecida por todos, mas o impacto e o drama associados à campanha eram por muitos vistos como indo mais além de seu lado monetário. O donativo era apresentado em termos de uma retórica de participação. Como um dos principais 'personagens' do drama - uma personalidade da TV - afirmava em inúmeras 'chamadas' sobre o evento: "Que ninguém acabe por encontrar-se na desconfortável posição, quando levantar na manhã seguinte à campanha, de ter que admitir que ele foi o único que não fez uma doação". Estar em tal posição equivaleria a ser um não-participante da vida comunitária israelense. O donativo era interpretado como uma participação na vida comunitária: uma confirmação do compromisso de cada um com o interesse público na forma da ação social oferecida pela ocasião.

Que um importante evento como esse tenha sido realizado pela TV foi particularmente significativo: esse ritual anti-desabafo positivamente orientado foi trazido exatamente para dentro do cenário principal do ritual de desabafo, a sala de estar do homem comum, onde ele passa muita noite de sexta "sentado a lamentar-se", i.é, sendo socialmente inútil. Além disso, os meios de comunicação de massa, especialmente a TV, são geralmente acusados de serem os inimigos da moralidade pública - diz-se que eles estão desenterrando todo o Negativo, mostrando a imagem de um mundo no qual ninguém pode fazer nada a não ser lamentar-se. De fato, as notícias são frequentemente empregadas como pontos de partida na cadeia do desabafo. Aqui, elas abençoadamente revertem seu papel.

Para além de sua função aparente, de ventilação, o Ritual do Desabafo tem uma função integrativa menos reconhecida em sua agenda secreta. Ao examinar sua experiência de desabafo como um evento comunicativo, as pessoas mencionavam o sentido de zavta 'comunhão' que ele engendrava. A proposição de que o desabafo produz solidariedade nunca foi contraditada. Alguns informantes sustentaram que esse sentido de zavta tornava o desabafo 'muito divertido' para eles. Isso é particularmente notável se lembrarmos que a referência ao desabafo é feita em termos negativos. Em especial, o desabafo nunca foi metaforicamente relacionado ao domínio do 'trabalho' [ingl. work]; nisso, ele é diferente da 'comunicação', que é conceptualizada metaforicamente como relacionada ao trabalho (junto com outros conceitos no domínio interpessoal;

isto é, você lida [ingl. work] com sua comunicação, você lida sobre si mesmo, e você lida com seus relacionamentos).

De fato, desabafar e contar piadas são dois dos principais recursos interacionais para os israelenses reafirmarem seu destino comum. Nas piadas, os israelenses freqüentemente fazem graça de si próprios e da Situação. Em tempos de crise, como uma guerra, desabafos e piadas desaparecem da cena social, na medida em que a coesão social é espontaneamente conseguida em virtude da natureza crítica do momento. Além disso, os tópicos que são muito sérios, ou sagrados, ou delicados para serem objetos de piada, tampouco serão apropriados para o Ritual de Desabafo.

O desabafo e a piada são os dois principais tipos de atividades discursivas que dão forma e previsibilidade ao domínio dos relacionamentos informais entre os israelenses - eles são a pedra-de-toque da tarefa diária e interpessoal de socialização. Alguém com quem eu possa desabafar ou contar piadas compartilha comigo pelo menos uma dimensão da experiência social, a dimensão compartilhada sendo tanto refletida na, quanto produzida pela possibilidade de desabafar ou de contar uma piada.

2.3. Canal

O Ritual do Desabafo tipicamente envolve transações orais face-a-face, embora conversações ao telefone e cartas pessoais possam também qualificar-se como tais.

2.4. Participantes

O Ritual do Desabafo tipicamente acontece entre amigos, conhecidos casuais ou mesmo entre estranhos, diferentemente do Ritual de Comunicação, que é tipicamente levado a cabo entre amigos potencialmente íntimos. Quanto menos familiares entre si forem os participantes, mais geral será o tema que funciona como tópico do ritual. Um comentário geral em tom de desabafo é uma abertura de conversação sempre à mão entre israelenses que não se conhecem e que portanto tornam legítimo iniciar uma conversa pela invocação e afirmação de seus laços comunitários compartilhados.

O desabafo pode continuar indefinidamente contanto que não haja estranhos, i.é, não-israelenses, como turistas ou [imigrantes] recém-chegados, por perto. A mesma conversa que seria considerada como um desabafo casual entre israelenses transforma-se em maledicência maliciosa, hebr. hashmatza, quando enunciada na presença de um estranho. A razão para isso é que os israelenses sabem muito bem que o desabafo não deve ser interpretado literalmente, que ele exige uma norma interpretativa especial na qual a função referencial do que é dito é, por assim dizer, suspensa. O desabafo não é de fato uma atividade discursiva orientada para a informação. Embora pretendendo ser uma resposta à Situação tal qual ela é, o desabafo não é de modo

algum uma reflexão da realidade. Não é provável que estranhos estejam familiarizados com essa convenção interpretativa, e é possível que tomem o discurso demasiado literalmente, construindo [então] para si próprios uma visão simplista da vida em Israel.

Vários informantes relataram um anedotário que descrevia casos nos quais um grupo de israelenses que se conheciam pouco descobre, depois que o desabafo tinha começado há algum tempo, que um dos participantes é um turista ou um [imigrante] recém-chegado. A descoberta gerava bastante constrangimento na medida em que o 'estranho' tomava o discurso como informativo, embora os que 'estavam por dentro' estivessem conscientes de suas funções rituais, não-informativas (3).

De modo similar, o desabafo não é considerado como uma atividade verbal a ser encorajada na presença de crianças que, como turistas e novos imigrantes, ainda não foram completamente socializadas na modalidade de desabafo dos adultos, e podem ser vulneráveis ao conteúdo da conversação. Alguns informantes mencionaram o efeito cumulativo da exposição ao desabafo nas crianças e adolescentes: o quadro da Situação que se lhes apresenta é tão exageradamente desesperançoso, a fronteira entre o discurso informativo e o não-informativo sendo tão difusa, que eles 'não sabem o que pensar' - ou pelo menos assim se diz.

Poderíamos reformular isso dizendo que muitos israelenses acabam por determinar seu discurso em termos do formato tópico que a estrutura do Ritual do Desabafo 'sugere'. Conseqüentemente, a Situação, como construída através do discurso sobre ela, é percebida como mais e mais lamentável, i.é, mais e mais propensa ao desabafo. Este estado de coisas gera um senso de discrepância entre a realidade e o discurso sobre ela, e o desabafo torna-se assim um problema na percepção coletiva da realidade, para cujo agravamento todos os israelenses involuntariamente contribuem na medida em que 'sentam para desabafar'. De fato, a 'solução' mais imediata que os anti-desabafadores propõem para o problema do desabafo envolve uma mudança na ênfase perceptual mais do que na ação social direta. Isso toma a forma de convocação para apontar e falar sobre as 'grandes e belas coisas que se conseguiram fazer neste país' e evitar a ênfase unilateral no Negativo.

Um tipo diferente de restrição à participação no Ritual de Desabafo concerne a problemas mais 'localizados': se, digamos, um grupo de funcionários está desabafando sobre suas condições de trabalho, é muito provável que a chegada do chefe os silencie. Na presença de pessoa(s) que pode(m) ter a solução para o problema objeto do desabafo, o discurso transforma-se em reclamação. Essa consciência da mudança potencial no estatuto do discurso está por trás de muitas mudanças constrangedoras em tais contextos.

2.5. Situação

Como já indicado, as situações típicas para a realização do Ritual de Desabafo são as reuniões de sexta à noite, em casas de família, mas certamente não

apenas aí. Elas devem ser, de qualquer forma, situações em que os participantes possam fazer de seu discurso o foco de sua atividade da qual as pessoas que não sejam participantes potenciais sejam excluídas.

2.6. Clave

A clave ou tom que prevalece no Ritual de Desabafo é a de reclamação e frustração, acompanhado por um senso de estar preso em uma armadilha ou enaranhado no próprio evento. Assim, os informantes diziam que se sentiam involuntariamente 'escorregando' em direção à modalidade do desabafo, exprimindo surpresa com sua própria participação nela, uma vez que tinham uma opinião muito negativa dessa modalidade discursiva.

Um aspecto importante do desabafo no que concerne sua 'clave' é que os participantes no ritual devem conseguir sincronizar sua expressão emotiva em termos do grau de frustração que eles expressam, de modo que a realização do ritual seja percebida como relativamente bem 'orquestrada'. Um exemplo extremo de falta de sincronização pode ser observado quando um membro de um grupo praticando desabafo mantém-se em silêncio. Isso é visto como um comentário crítico acerca da conduta verbal daqueles que estão realizando o desabafo e tende a dar lugar a mal-estar, senão ressentimento (como no caso de um abstermo numa roda de bar).

A interrupção da sincronia freqüentemente resulta no término da Festa do Desabafo. Como alguns informantes disseram, sente-se que o desabafo 'foi longe demais': ou os tópicos abordados foram considerados muito delicados ou 'sensíveis', ou o efeito cumulativo do desabafo que estava em curso tornou-se muito opressivo para os participantes do ritual que sentiram a necessidade de mudança de 'clave'.

O senso de solidariedade forma um motivo secundário na 'clave' do Ritual do Desabafo. O desabafo, ao contrário da comunicação em seu papel como discurso de apoio em relações interpessoais entre os americanos, é uma atividade discursiva profundamente enraizada no domínio da casualidade e da trivialidade. Essa diferença no estatuto do desabafo e da comunicação como atividades discursivas é também visível nas posturas corporais que acompanham esses dois rituais, e em sua tolerância a "envolvimentos laterais" (Goffman 1967): alguém pode estar displicente, relaxado e desabafar, mas dificilmente alguém poderá ser displicente enquanto 'comunica'; pode-se estar desabafando enquanto se lava pratos, mas não se pode realizar a atividade conjunta e bem intencionada de 'comunicar' sob essas circunstâncias. Uma diferença semelhante observa-se entre 'reclamar' e 'lamentar-se/desabafar': é mais provável que se interprete um ato de fala de reclamação produzido displicentemente como 'desabafo' do que como 'reclamação'. O mesmo vale para um discurso de reclamação enquanto se lava pratos. Para que o discurso de reclamação seja tomado como uma reclamação [propriamente dita] é preciso que ele seja dirigido a um agente que possa solucionar o problema referido, e o discurso deve ser interpretado como uma atividade de fala conjun-

ta e com um fim determinado que supõe o engajamento total do falante.

2.7. Seqüência da ação

Enquanto se pode mostrar que o desenvolvimento do Ritual de Comunicação segue um padrão linear, evoluindo de uma fase do discurso para a próxima, pode-se dizer que a organização seqüencial do Ritual do Desabafo segue um padrão 'em espiral', evoluindo de uma 'rodada' discursiva a outra. Isso pode ser um exemplo de uma distinção mais geral entre episódios comunicativos orientados para a solução de problemas e aqueles orientados para a produção de solidariedade: a estrutura interna do Ritual do Desabafo lembra o caso das trocas de piadas que se organizam em torno de um tema comum, p.ex., piadas sobre tipos nacionais, em que cada contribuição liga-se às outras pela relação 'mais [ocorrências] do mesmo [tipo]'. Entre estranhos, o Ritual do Desabafo tende a evoluir num padrão centrífugo, do tema mais geral ao mais local; entre pessoas que se conhecem bem, o padrão oposto é possível, e freqüentemente mais natural; o discurso evolui num padrão centrípeto, do tópico mais local ao mais geral.

As diferenças estruturais genéricas na organização seqüencial dos Rituais de Comunicação e de Desabafo são reveladas quando se considera o que seria necessário para que um participante passe a integrar qualquer um desses rituais durante seu desenvolvimento: para que isso aconteça adequadamente no caso do Ritual de Comunicação, o discurso deverá ser interrompido e os participantes deverão retroceder e fornecer ao recém-chegado indicações sobre o que aconteceu antes. No caso do Ritual de Desabafo, tudo o que um novo participante tem que saber é o tema geral do qual se está falando. Mesmo que ele ou ela repita parte do que foi dito antes, isto não seria um grande desastre, apenas uma outra expressão de um contexto compartilhado.

O Ritual de Desabafo, como o de Comunicação, é em geral iniciado por um participante que verbaliza uma reclamação de maior ou menor generalidade. Essa é a fase de iniciação. Uma 'abertura' típica é um relato ou um comentário sobre alguma notícia que ilustre algum aspecto desfavorável da Situação. Um comentário que desenvolve a 'abertura', ou sugere algo relacionado, funciona como a fase de confirmação, indicando a concordância dos participantes em levar adiante o ritual (caso contrário qualquer tentativa seria frustrada). Essa fase desencadeia um 'efeito em cadeia' de contribuições individuais que são, no final das contas, 'mais [ocorrências] do mesmo [tipo]'. O ritual freqüentemente desenvolve-se pela progressão de um sub-tema a outro, cada sub-tema dominando uma 'rodada' de discurso; as rodadas combinam-se para formar a 'estrutura espiral' acima mencionada.

Formas típicas de terminar o ritual (4) incluem maneiras padronizadas de dramatizar o 'destino comum' dos participantes por meio de expressões como That's life [aprox. port. 'Assim é a vida'] ou It's no joke, things are getting worse all the time [aprox. port. 'Sem brincadeira, as coisas estão ficando piores a cada dia que passa'] ou The Situation is real lousy [aprox. port. 'A Situação está realmente

preta.]] (estes são exemplos traduzidos dados pelos informantes para ilustrar encerramentos do Ritual do Desabafo). Esse seria o caso de um encerramento 'tranquilo'. Em outras ocasiões o ritual é interrompido pela perda de sincronização emotiva conforme descrito na discussão de sua 'clave' (cf. seção 2.6).

2.8. Finalmente, notemos que o Ritual do Desabafo deu lugar a dois modos verbais subsidiários que se tornaram progressivamente salientes na cena social israelense: chamei um deles de kitur-al 'meta-desabafo' e o outro al-kitur 'anti-desabafo' (o interessante efeito de rima é possível porque /al/ é um homônimo em hebraico que significa 'sobre' e uma forma de negação, respectivamente. Eles são grafados diferentemente, e seriam de fato pronunciados diferentemente em alguns dialetos do hebraico moderno).

O meta-desabafo é, ele próprio, uma instância de desabafo, tomando frequentemente a forma de um desabafo sobre o moral baixo entre os israelenses, que transparece, é claro, em sua disposição para desabafar. A saliência crescente do meta-desabafo no discurso público parece indicar uma crescente percepção da modalidade de desabafo subjacente à erosão ideológica que marca nossa época. O propósito do meta-desabafo é ajudar os que praticam o desabafo a livrarem-se da modalidade de desabafo desviando-lhe a atenção para questões do moral e suas manifestações sociais e comunicativas. Uma vez que ela própria ainda se localiza no interior da província do desabafo, não é provável que essa forma de discurso seja eficaz na consecução do objetivos persuasivos a que se propôs.

A modalidade de anti-desabafo, que foi brevemente mencionada em relação aos dramas [de campanhas] de levantamento de fundos encenados através dos meios locais de comunicação de massa, é igualmente destinada a conter a atividade de desabafo e suas implicações contra-producentes. À diferença do 'meta-desabafo', ela é otimista em seu tom, e pode ser resumida na já mencionada injunção 'Pare de lamentar-se/desabafar e faça algo'; pode-se dizer que ela representa uma variante não-desabafo do meta-desabafo. Esta modalidade comunicativa é amplamente representada no discurso público como por exemplo numa enorme peça publicitária lançada por um grupo independente de cidadãos pedindo por "Renovação e Mudança" que apareceu no jornal vespertino Ma'ariv (1/2/81). O seu título em letras garrafais NÓS SOMOS OS CULPADOS chama a atenção precisamente por causa de sua referência implícita à modalidade costumeira do desabafo, e sua interpretação apropriada deriva de nossa familiaridade com o Ritual do Desabafo. É interessante notar que essa matéria publicitária indica três alternativas que os membros da sociedade israelense podem contemplar:

- (a) ficar estagnados
- (b) emigrar;
- (c) agir.

Obviamente, os leitores são estimulados a escolher a terceira alternativa, isto é, a

ação social, que é a alternativa ao desabafo geralmente aceita. Menciono apenas que 'estagnação' e 'escapismo' foram exatamente os termos usados pelos meus informantes americanos para referir-se ao estado de 'falta de comunicação'; aqui, a mesma metáfora refere-se ao estado de ausência de ação social, tipicamente preenchido pelo desabafo na sociedade israelense. Portanto, do ponto-de-vista do 'anti-desabafo', o desabafo ocupa um lugar comparável em importância ao estado de 'falta de comunicação' em algumas regiões da sociedade americana.

3. Notas finais

O presente trabalho forneceu um exame detalhado do desabafo como uma modalidade discursiva pervasiva na sociedade israelense contemporânea de classe média. Argumentou-se que o desabafo desenvolveu-se como um evento comunicativo padronizado e que, como tal, constitui-se num padrão prontamente disponível para estruturação do discurso reclamativo [plaintive] num segmento considerável da comunidade. Apontou-se que nos contextos nos quais o desabafo acontece, falar é visto como a estratégia social não preferida, como a antítese da ação social. Um resultado disso é que qualquer tentativa de um grupo altamente insatisfeito de pessoas em clarificar questões através da discussão de problemas que dizem respeito ao domínio social pode ser chamado de 'desabafo' e desprezado como tal. Uma manipulação muito conhecida do formato implícito no Ritual do Desabafo ocorre entre os militares onde os comandantes frequentemente juntam seus soldados naquilo que se conhece como erev kuterai 'à noite do desabafo': em tais contextos qualquer reclamação justificada e endereçada aos próprios comandantes é pré-definida como 'desabafo', i.é, como injustificada e auto-dirigida. A função do evento é estritamente a de ventilação.

Através de todo o artigo, fiz comparações entre o Ritual do Desabafo como aqui estudado, e o Ritual de Comunicação que num artigo anterior foi caracterizado como sendo um evento comunicativo central para muitos americanos hoje em dia. Ambos os rituais compartilham a tarefa de dramatizar problemas culturais relevantes e fornecer o contexto social preferido para a cristalização dos sentimentos de frustração, de um lado, e um senso de identidade (pessoal ou comunitária), de outro. A análise enfatizou as restrições contextuais que governam a encenação dos rituais, prestando especial atenção às dimensões ritualísticas, não-referenciais do discurso e das normas interpretativas especializadas a que elas dão lugar.

Uma implicação importante da análise apresentada aqui é que rituais verbais informais desse tipo são tanto informados pela, quanto formativos da experiência social dos participantes. Para o pesquisador, eles fornecem indícios da construção da realidade social dos participantes, bem como ilustrações intrigantes das muitas maneiras pelas quais esses rituais verbais podem moldar nossa vida comunicativa através de sua dinâmica de forma.

NOTAS

1. A palavra lekater é, de fato, usada na linguagem bíblica para referir-se ao ato ritual de usar incenso, mas não é parte do vocabulário ativo do hebraico coloquial.
2. O estatuto social do 'desabafo' como atividade verbal é remanescente do 'solilóquio' [self-talk] (Goffman 1978): nenhum deles é considerado como um engajamento propriamente dito, de forma que, à semelhança do solilóquio, o desabafo tende a ser desautorizado. Portanto, seria altamente incongruente alguém dizer: "Desculpe-me. Não posso ir agora. Estamos desabafando".
3. A relação entre o papel do estranho e o daquele que não se engaja no desabafo é indicada no resumo humorístico de uma jornalista (T. Avidar) acerca de sua volta após uma prolongada estada no exterior (Estados Unidos); uma das fontes de alienação de alguém, ela diz, é o fato de que "ainda não se é um participante ativo em Festas de Desabafo. Fica-se apenas escutando, e achando difícil acreditar nas histórias. Ainda não se consegue entender como - se o país está tão mal - seus cidadãos, que estão todos lamentando-se/desabafando à nossa volta, parecem ir tão bem" (Ma'ariv, 5/8/81).
4. Agradeço a Marcelo Dascal pela sugestão de considerar diferenças posturais, bem como técnicas de terminação associadas com a encenação do Ritual do Desabafo. Agradeço também a Joseph Shimron e Perla Neshet pelos valiosos comentários sobre uma versão anterior deste artigo.

BIBLIOGRAFIA

- BEN-AMUZ, D. and N. Ben-Yehuda (1972) The world dictionary of Hebrew slang. Tel-Aviv: Levin-Epstein.
- BEN-YEHUDA, N. (1981) 1948 - Between calendars. Jerusalem: Keter.
- CAMPBELL, J. (1972) Myths to live by. New York: Bantam Books.
- FIRTH, R. (1973) "Verbal and bodily rituals of greeting and parting" In J. Sybil La Fontaine (ed.), The interpretation of ritual. London: Tavistock.
- GEERTZ, C. (1973) The interpretation of culture. New York: Basic Books.
- GOFFMAN, E. (1974) Interaction ritual. New York: Doubleday.

GOFFMAN, E. (1978) "Response cries". Language 54:4.787-815.

HYMES, D. (1972) "Models of the interaction of language and social life". In J. Gumperz and D. Hymes (eds.), Directions in sociolinguistics: The ethnography of speaking. New York: Holt, Rinehart, and Winston, 35-71.

KATRIEL, T. and G. Philippses (1972) "What we need is communication: 'communication' as a cultural category in some American talk". Communications Monographs 48.301-317.

MOORE, S.F. and B. Myerhoff (eds.) (1977) Secular ritual. Assen: Van Gorcum.

RUBINSTEIN, A. (1977) To be a free people. Tel-Aviv: Schocken.